



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10587 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 13 - Educação de Jovens e Adultos

**UNI-VOS! A INFLUÊNCIA DA DIALÉTICA MARXISTA SOBRE A PRÁXIS
FREIRIANA**

Jonatas Marcos da Silva Santos - UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

**UNI-VOS! A INFLUÊNCIA DA DIALÉTICA MARXISTA SOBRE A PRÁXIS
FREIRIANA**

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado e tem como objetivo refletir sobre a influência da obra marxiana-marxista sobre a práxis dialógica freiriana. Com a metodologia de pesquisa bibliográfica, buscamos problematizar quais as convergência e influências da obra de Karl Marx contribuíram para Paulo Freire construir seu pensamento original na América Latina. Para demonstrar tal influência, a partir dos filósofos gregos antigos, considera-se a formação da dialética na tradição filosófica ocidental. Nesse sentido, postula-se a originalidade do método histórico dialético de Marx, da obra marxiana, bem como as suas influências na concepção da educação popular como prática da liberdade e da pedagogia crítica do oprimido do filósofo brasileiro Paulo Freire.

À luz dessas influências, consideram-se as obras freirianas e marxianas atinentes ao objetivo da pesquisa, entre elas: Pedagogia do oprimido (2011), Ação cultural para a liberdade e outros escritos (1981), Educação e mudança (2008); já em relação às obras de Marx, são consideradas: O capital: crítica da economia política (2013), Manifesto do partido comunista (2008) e A ideologia alemã (2001). Dentro dessas obras foram identificados diversos pressupostos que demonstram a influência de Marx, mas também os avanços originais de Paulo Freire.

Os resultados apontam para possibilidade de analisar a influência marxista sobre a obra de Paulo Freire a partir de uma temática específica, qual seja: a alfabetização de jovens e adultos, como processo de conscientização para libertação em seus elementos caracterizadores da ação dialógica e antidialógica, entendendo-os como peculiaridades freirianas fulcradas na perspectiva marxista.

O marxismo contribuiu com Freire na realização da educação popular e para o desenvolvimento da pedagogia crítica do oprimido. Isso, não quer dizer que Paulo Freire tenha fundamentado sua teoria e prática apenas na dialética marxiano-marxista. De acordo com Kress e Lake (2013, p. 30 tradução nossa) “para compreender a obra de Paulo Freire, suas raízes, bem como sua relevância no tempo presente e nas gerações vindouras, não é possível ignorar a influência de Karl Marx.”^[1] De fato, desde o início do trabalho pedagógico, Paulo Freire nutriu-se de diversas leituras que formaram a base de convergências e interconexões com vários teóricos da educação e das ciências humanas e sociais. Mas,

Não obstante os ‘palimpsestos’ das obras de Paulo Freire revelem decisivas influências e diálogos com importantes nomes da filosofia contemporânea – o que de alguma maneira o predica de um ecletismo no que diz respeito aos pressupostos – não será equivocado afirmar que a visão de sociedade e de homem nelas apinhada são, em boa parte, oriundas de uma herança marxiana. (APOLINÁRIO, 2014, p. 57).

Nesse sentido, percebe-se a influência marxiana na construção teórica de Freire. Essa herança marxiana é vista a partir da perspectiva contextualizada na construção da educação popular e da pedagogia crítica. Assim, vale destacar algumas obras freirianas e atinentes ao objetivo da pesquisa, entre elas: *Pedagogia do oprimido* (2011), *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* (1981), *Educação e mudança* (2008). Identificamos dentro dessas obras diversos pressupostos que demonstram a influência de Marx, mas também os avanços originais de Paulo Freire.

No livro: *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*, de acordo com Scocuglia (2018, p. 205)

a preocupação com a politicidade das práticas educativas com adultos – como processos de conhecimento não-neutros – transparece nitidamente. Também (...) a sua compreensão da educação mergulhada no conflito entre classes sociais (embora sua análise nunca tenha se restringido a tal enfoque), clarificando suas aproximações teóricas com diversos autores marxistas – identificadas a partir da Pedagogia do oprimido –, começando do próprio Marx.

Em *Educação e mudança*, Paulo Freire discorre sobre as características da consciência ingênua e da consciência crítica. Em um primeiro momento, de acordo com Scocuglia (2018, p. 208-209), a consciência ingênua é caracterizada pelo

1- o simplismo e o não aprofundamento na ‘causalidade do próprio fato’ e as consequentes ‘conclusões apressadas, superficiais’; 2- a consideração que o ‘passado foi melhor’; 3- possibilidade de ‘fanatismo’; 4- subestimação do ‘homem simples’; 5- ‘suas explicações são mágicas’; 6- ‘é frágil na discussão dos problemas’; 7- ‘tem forte conteúdo passional’; 8- ‘apresenta fortes compreensões mágicas’ e 9- a afirmação da ‘realidade estática, não mutável’.

A consciência crítica, em um outro nível, é caracterizada

1- pela ‘profundidade na análise de problemas e não satisfação com as aparências’; 2- pelo entendimento de que ‘a realidade é mutável’; 3- ‘por substituir explicações mágicas por princípios autênticos de casualidade’; 4- por procurar ‘verificar e testar descobertas’; 5- por tentar ‘livrar-se dos preconceitos’; 6- por ser ‘intensamente inquieta’; 7- ‘aceita a delegação da responsabilidade e da autoridade’; 8- ser ‘indagadora, investiga, força, choca’; 9- por ‘amar o diálogo e nutrir-se dele’ e por ‘não repelir o velho por ser velho’ e nem ‘aceitar o novo por ser novo’, mas aceitá-los ‘na medida em que são válidos’. (SCOCUGLIA, 2018, p. 209).

Já em relação à obra *Pedagogia do oprimido* é possível considerá-la um ponto de partida da teorização mais profunda de Paulo Freire em relação à política e em à dialética-dialógica. Nessa obra

A aproximação aos pensamentos marxianos e marxistas é notória, principalmente quanto a uma leitura do mundo que leva em consideração, por exemplo, as questões relativas às classes sociais e ao conflito entre elas – resultando, daí, uma visão educacional mergulhada (sem ser aprisionada) em tal conceituação. Também é nesse livro que Freire “começa a ver” (segundo suas palavras) a politicidade do ato educativo com maior nitidez, embora a educação ainda não seja explicitada em sua inteireza política, mas apenas em seus “aspectos” políticos. Enfatize-se que a aproximação marxiana-marxista é feita (não-dogmaticamente) através de parâmetros superestruturais relativos ao entendimento das conexões educação-consciência-ideologia-política. (SCOCUGLIA, 2018, p. 213)

Ante ao exposto, torna-se necessário explicitar o que Marx entende acerca das relações entre educação e sociedade no modo de produção capitalista, pois este aspecto marca a *Pedagogia do oprimido* de Freire. É importante, também, demonstrar os pressupostos marxistas na educação popular como prática de liberdade e da pedagogia crítica do oprimido. Para Apolinário (2014, p. 58) “no contexto do *Manifesto do partido comunista*, Marx e Engels entendem que a forma histórica que conduz à manutenção de classe dominante na economia capitalista do século XIX, é a de encontrar-se em permanente luta contra os seguimentos sociais de interesse conflitantes.” Essa classe dominante na economia capitalista é a classe opressora, a elite antidialógica e manipuladora evidenciada por Freire (2011).

Para Marx e Engels os polos antagônicos são identificados nos burgueses e nos proletários em constante luta. De fato, de acordo com Marx e Engels (2008, p. 11), “nossa época – a época da burguesia – caracteriza-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. Toda a sociedade se divide, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas: a burguesia e o proletariado.” Em Freire os polos antagônicos são identificados no opressor e no oprimido em contradição constante, tendo em vista a superação da situação de opressão. Desta forma, para Freire (2011, p. 41),

a violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra que os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade de ambos.

A educação popular e a pedagogia crítica entrelaçam-se pela contraposição dialética ao buscar a transformação do sistema capitalista opressor e da educação enquanto realidade de sua reprodução e manutenção. Nesse sentido, as condições de permanência da burguesia estabelecem-se paradoxalmente, de acordo com Apolinário (2014, p. 59), “com a possibilidade inelutável de sua superação, mediante a educação do proletariado, isto é, mediante o saber sobre os próprios mecanismos de reprodução da realidade em que é expropriado e desterrado de sua experiência autêntica.” Dessa forma, a contraposição dialética do oprimido ao opressor acontece no processo educativo de conscientização acerca dos mecanismos de reprodução da própria realidade opressora. É um processo de conscientização da opressão e de quem são os opressores mediante a educação, visando a transformação do *status quo*.

Paulo Freire assumiu na sua práxis o marxismo humanista, propondo historicamente a solidariedade, a revolução, a luta contra a opressão (FERNANDES, 2016) e na criação do método de alfabetização de jovens e adultos em Angicos no Estado do Rio Grande do Norte. Nesse movimento progressivo de compreensão da obra de Marx, destaca-se a consciência de Freire em saber-se diante de uma realidade segregadora e contraditória. Situado geograficamente e historicamente nos países periféricos do século XX, marcados pela fome, pelo autoritarismo ditatorial, pela dominação econômica e tecno-científica, Paulo Freire “enxerga algumas das fundamentais teses da Marx, chaves de leitura do social das quais, até o fim de sua trajetória prático-intelectual, não mais abrirá mão. (APOLINÁRIO, 2014, p. 60). Isso, demonstra a coerência com as teses marxianas, mas também demonstra os avanços na contextualização e criação de novas chaves de leitura da realidade social latino-americana. A contraposição histórica à opressão a partir da periferia, dos mais fracos e excluídos, gerou novas possibilidades de libertação, conhecimento, luta de classes e de alfabetização de jovens e adultos no Brasil.

Ante ao exposto, torna-se possível analisar algumas ideias marxistas presentes na obra de Paulo Freire. Doravante o foco recai, portanto, sobre a alfabetização de jovens e adultos, como processo de conscientização para libertação e sobre as características da ação dialógica e antidialógica, entendendo-os como peculiaridades freirianas influenciadas pela perspectiva marxista.

O processo de alfabetização de jovens e adultos foi uma preocupação primordial na práxis freiriana. A partir do encontro com os analfabetos, excluídos e desumanizados que

Paulo Freire vai dialogar com Marx. Corrobora o exposto, a afirmação proposta por Leite, Freire e Faúndez (1978) de que Paulo Freire não foi às classes oprimidas por causa de Marx, mas o oposto, ou seja, Freire foi a Marx por causa delas. Em outras palavras, foi pelo encontro com as classes oprimidas que foi gerada a possibilidade do encontro com Marx e não o contrário. Portanto, a alfabetização além de construir a libertação pela palavra pronunciada, é também, possibilidade de encontro com a realidade concreta de vida entre os coordenadores dos círculos de cultura e os alfabetizandos.

As experiências de Freire realizadas entre os anos de 1957 e 1964 evidenciam não somente a elaboração de um método totalmente original de alfabetização de adultos e jovens, mas também inauguram o início de seu pensamento pedagógico, social e político libertador. Por isso,

Sem sombra de dúvida, as intervenções de Freire passam a demarcar, criticamente, sua concepção de alfabetização-educação, ou seja, de que há duas possibilidades de fazer pedagogia: uma, a partir de uma prática alienante e universalizante; outra, a partir de uma prática libertadora e dialógica, pois não há neutralidade em alfabetização-educação. (BORGES, 2008, p. 33).

À época, Paulo Freire preocupado com a questão da democratização e com os *déficits* quantitativos e qualitativos da educação, propôs um método desenvolvido em fases que recobriam a elaboração e a execução prática. As fases, de acordo com Freire (2009), são as seguintes.

A primeira fase consiste em descobrir, junto aos grupos com os quais o trabalho é desenvolvido, o universo vocabular.

Este levantamento é feito através de encontros informais com os moradores da área a ser atingida, e em que não só se fixam os vocábulos mais carregados de sentido existencial e, por isso, de maior conteúdo emocional, mas também os falares típicos do povo. Suas expressões particulares, vocábulos ligados à experiência dos grupos, de que a profissional é parte. Esta fase é de resultados muito ricos para a equipe de educadores, não só pelas relações que travam, mas pela exuberância não muito rara da linguagem do povo de que às vezes não se suspeita. (FREIRE, 2009, p. 120).

A segunda fase é tão importante quanto a primeira, porém, é mais centralizada nos educadores-coordenadores que têm a responsabilidade de escolher as palavras descobertas a partir do universo vocabular. A seleção das palavras fundamenta-se em critérios:

a – o da riqueza fonêmica; b – o das dificuldades fonéticas (as palavras escolhidas devem responder às dificuldades fonéticas da língua, colocadas numa sequência que vá gradativamente das menores às maiores dificuldades); c – o de teor pragmático da palavra, que implica numa maior pluralidade de engajamento da palavra numa dada

A depender do grupo com que se vai trabalhar, na terceira fase, são criadas situações existenciais típicas.

Estas situações funcionam como desafios aos grupos. São situações-problemas, codificadas, guardando em si elementos que serão descodificados pelos grupos, com a colaboração do coordenador. O debate em torno delas irá, como o que se faz com as que nos dão o conceito antropológico de cultura, levando os grupos a se conscientizarem para que concomitantemente se alfabetizem. São situações locais que abrem perspectivas, porém, para análise de problemas nacionais e regionais. Nelas vão se colocando os vocábulos geradores, na gradação (...) de suas dificuldades fonéticas. Uma palavra geradora tanto pode englobar a situação toda, quanto pode referir-se a um dos elementos da situação. (FREIRE, 2009, p. 122).

Ainda durante a elaboração, a quarta fase consiste na elaboração de fichas que roteirizam o trabalho dos coordenadores. “Estas fichas-roteiro devem ser meros subsídios para os coordenadores, jamais prescrição rígida a que devam obedecer e seguir.” (FREIRE, 2009, p. 122). Por último, “a quinta fase é a feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.” (FREIRE, 2009, p. 122). Uma das dificuldades encontradas por Paulo Freire está na preparação de um quadro de coordenadores que saibam dialogar com os alfabetizandos. Não é dificuldade quanto aos procedimentos técnicos, mas “a dificuldade está na criação mesma de uma nova atitude – ao mesmo tempo tão velha – a do diálogo (...).” (FREIRE, 2009, p. 123). A atitude dialogal tem a finalidade de evitar a alienação, a domesticação e a opressão típicas da concepção de sociedade, economia e educação verticalizadas e dominadoras.

Marx e Freire, dois camaradas, teóricos, filósofos e amigos da vida de quem mais sofre, de quem é mais fraco e excluído. Nesse sentido, continuam originalmente atuais, não pelas caricaturas interesseiras de direita e de esquerda que deles fizeram, mas porque além de nos inspirar, nos ensinam a fazer ciência e tecer conhecimentos por vias que superam o pensamento único, fragmentado, naturalista e exclusivista. Eles, Marx e Freire, nos ensinam a contraposição a tudo que seja necrófilo, fundamentando possibilidades de construir vias alternativas ao desrespeito capitalista-colonizador.

A leitura da palavra e a leitura do mundo é um processo libertador inaugurado por Paulo Freire. A contraposição às imposições verticalizadas tão presentes nos currículos engessados, nas relações entre professor-aluno, na exclusão de participação das decisões institucionais, entre outros, demonstram o quanto ainda temos que construir para transformar o mundo do qual nós seres humanos fazemos parte. Redescobrir, reinventar e propor novos desdobramentos da dialética marcada por Marx e Freire, também são objetivos desta pesquisa. É necessário conscientizar que a potência dialética nos compõe porque somos seres da práxis, históricos e capazes de no tempo presente ser instigados por um futuro que não está

dado e acabado.

A união e a co-laboração assinalam quem age dialeticamente em contraposição a quem se instala estaticamente numa esfera de poder e luta para que as coisas, as pessoas mudem somente idealisticamente. União e co-laboração têm sentido na práxis de transformação da ordem burguesa capitalista-estatal, da exclusão de analfabetos e alfabetizados dos processos democráticos de decisão. Nesse sentido, Marx e Freire nos ensinam a união pela transformação histórico-material das situações e das classes que ao nos fazerem *menos*, nos impedem de saborear o gosto da cidadania e da pronúncia da palavra. É urgente que a ciência, a educação e as instituições de ensino construam fundamentos para união como contraposição às injustiças e desigualdades que maltratam a vida humano-animal e o ambiente onde ela se situa. Seres humanos de todo universo, uni-vos!

PALAVRAS-CHAVE: Dialética. Influências. Marx. Paulo Freire. Pedagogia dialógica.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, J. A. F. Freire leitor de Marx: breve exame de alguns pressupostos da educação popular. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília (DF), n. 22, p. 57-72, maio/out., 2014. DOI: 10.26512/resafe.v0i22.4652. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4652>. Acesso em: 03 mar. 2022.

FERNANDES, S. Pedagogia crítica como práxis marxista humanista: perspectivas sobre solidariedade, opressão e revolução. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 481-496, abr./jun., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/4vSnkJhLd4wMzJjNFDdfxLK/?lang=pt>. Acesso em: 05 mar. 2022.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade:** e outros escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Educação e Mudança.** 31. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____.; LEITE, L. C. M.; FAÚNDEZ, A. **Encontro com Paulo Freire**. Acervo digital, 1978. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/90053>. Acesso em: 04 mar. 2022.

LAKE, R.; KRESS, T. **Paulo Freire's intellectual roots: toward historicity in praxis**.

New York | London: Bloomsbury, 2013.

MARX, K. **O 18 Brumário e cartas a Kugelman**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista**. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, 2008.

_____.; _____. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCOCUGLIA, A. C. As interconexões da pedagogia crítica de Paulo Freire. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v.10, n.1, p. 200-232, jan./abr. 2018. DOI: 10.20396/rfe.v10i1.8652006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8652006/17703>. Acesso em: 05 mar. 2022.

[1] To understand the work of Paulo Freire, its roots as well as its relevance in the present time and in generations to come, one cannot ignore the influence of Karl Marx.